

Erros enormes nos Relatórios de Atiradores Ativos do FBI relativos a casos em que civis interrompem os ataques: em vez de 4,4%, o número correto é pelo menos 34,4%. Em 2021, é de pelo menos 49,1%. Excluindo as zonas livres de armas, a média foi superior a 50%.

3 de outubro de 2022

| Year | FBI active shooter incidents | FBI active shooter incidents stopped by an armed citizen | FBI Percent stopped | Crime Prevention Research Center Data | | | | | | | | | |
|--------------|------------------------------|--|---------------------|---|---------------|----------------------|---|-----------------------------------|---|--|------------------------------------|---------------------------|--------------|
| | | | | Cases where armed citizens have stopped likely mass public shootings-CPRC | | | Cases where armed citizens have stopped active shooter incidents-CPRC | | | Corrected Active shooter incidents stopped by an armed citizen | Corrected Active shooter incidents | Corrected Percent stopped | |
| | | | | All | missed by FBI | misclassified by FBI | Suspect fired first | Suspect with gun, victim shot 1st | Suspect with gun, but didn't shoot (not included in totals) | | | | |
| 2014 | 20 | 1 | 5.0% | 3 | 2 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 4 | 23 | 17.4% |
| 2015 | 20 | 1 | 5.0% | 5 | 4 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 6 | 25 | 24.0% |
| 2016 | 20 | 1 | 5.0% | 2 | 1 | 0 | 4 | 0 | 1 | 0 | 6 | 25 | 24.0% |
| 2017 | 31 | 3 | 9.7% | 6 | 2 | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 | 9 | 36 | 25.0% |
| 2018 | 30 | 1 | 3.3% | 5 | 3 | 1 | 3 | 1 | 2 | 2 | 9 | 37 | 24.3% |
| 2019 | 30 | 0 | 0.0% | 4 | 3 | 1 | 8 | 0 | 3 | 3 | 12 | 41 | 29.3% |
| 2020 | 40 | 0 | 0.0% | 7 | 5 | 2 | 15 | 1 | 3 | 3 | 23 | 61 | 37.7% |
| 2021 | 61 | 4 | 6.6% | 9 | 5 | 0 | 44 | 2 | 14 | 14 | 55 | 112 | 49.1% |
| Total | 252 | 11 | 4.4% | 41 | 25 | 5 | 77 | 6 | 24 | 24 | 124 | 360 | 34.4% |

Dados: Para maior comodidade, também está disponível aqui um PDF do arquivo Excel e uma página da web com a lista e links para as notícias subjacentes. Os Relatórios de Atirador Ativo do FBI estão disponíveis (2000-2013), (2014-2015), (2016-2017), (2018), (2019), (2020) e (2021). A lista atualizada de casos do FBI de 2000 a 2018 está disponível aqui¹.

Introdução

O tiroteio que matou três pessoas e feriu outra num centro comercial de Greenwood, Indiana, no dia 17 de julho, atraiu ampla atenção nacional devido à forma como terminou – quando Elisjsa Dicken, de 22 anos, portando uma arma licenciada, disparou mortalmente contra o agressor.

Embora Dicken tenha sido elogiado pela sua coragem e habilidade – disparando o seu primeiro tiro 15 segundos após o início do ataque, a uma distância de 40 metros – grande parte da cobertura midiática imediata baseou-se em estatísticas aprovadas pelo FBI para afirmar que os cidadãos armados quase nunca param tais ataques. “É raro nos EUA um atirador ativo ser parado por um espectador” (Associated Press); “Rampage em Indiana, um raro exemplo de civis armados que acabam com tiroteios em massa” (Washington Post); e “Depois do tiroteio no shopping em Indiana, um herói, mas nenhuma solução duradoura para a violência armada” (New York Times).

As evidências compiladas pelo Crime Prevention Research Center (Centro de Investigação de Prevenção do Crime – CPRC) mostram que as fontes em que os meios de comunicação social se basearam subestimaram o número de casos em que cidadãos armados frustraram tais ataques numa ordem de mais de dez, salvando um

¹ No original o autor disponibiliza todos os arquivos mencionados em PDF e Excel.

número incontável de vidas. É claro que não são raros os cidadãos cumpridores da lei que impedem estes ataques. O que é raro é a cobertura midiática nacional desses incidentes. Embora as muitas notícias sobre o tiroteio em Greenwood também sugerissem que o uso defensivo de armas poderia pôr outras pessoas em perigo, não há provas de que estes atos tenham prejudicado vítimas inocentes.

O FBI relata que cidadãos armados impediram apenas 11 dos 252 incidentes com atiradores ativos identificados no período 2014-2021. O FBI define incidentes com atiradores ativos como aqueles em que um indivíduo mata ou tenta matar pessoas ativamente em uma área pública povoada. Mas não inclui aquelas que considera relacionadas a outras atividades criminosas, como roubo ou brigas por território de tráfico de drogas.

Uma análise realizada pela minha organização identificou um total de 360 incidentes com atiradores ativos durante esse período e concluiu que um cidadão armado impediu 124. Um relatório anterior analisou apenas casos em que civis armados impediram o que provavelmente teriam sido tiroteios públicos em massa. Houve outros 24 casos que não incluímos, em que civis armados interromperam ataques armados, mas o suspeito não disparou a arma. Esses casos estão excluídos dos nossos cálculos, embora se possa argumentar que um civil também interrompeu o que provavelmente poderia ter sido um evento de atirador ativo.

O FBI informou que cidadãos armados frustraram 4,4% dos incidentes com atiradores ativos, enquanto o CPRC descobriu 34,4%.

Dois fatores explicam esta discrepância – um, tiroteios mal classificados; e dois, incidentes esquecidos. Em relação ao primeiro, o CPRC determinou que os relatórios do FBI tinham classificado erradamente cinco tiroteios: Em dois incidentes, o Bureau observa no seu relatório detalhado que cidadãos possuidores de licenças de porte de arma válidas confrontaram os atiradores e fizeram com que fugissem do local. No entanto, o FBI não listou estes casos como sendo interrompidos por cidadãos armados porque a polícia posteriormente prendeu os agressores. Em dois outros incidentes, o FBI identificou erroneamente civis armados como agentes de segurança armados. Finalmente, o FBI não mencionou o envolvimento dos cidadãos num incidente.

Por exemplo, o relatório do Bureau sobre o ataque de 29 de Dezembro de 2019 à Igreja de Cristo da West Freeway em White Settlement, Texas, que deixou dois homens mortos, não lista isto como um incidente de “envolvimento cívico”. Em vez disso, o FBI lista este ataque como tendo sido interrompido por um segurança armado. Um paroquiano, que se ofereceu para fornecer segurança durante o culto, matou a tiros o atacante. Esse homem, Jack Wilson, disse ao Dr. John Lott que ele não era um profissional de segurança. Ele disse que 19 a 20 membros da congregação estavam armados naquele dia e nem sequer sabiam quem carregava uma arma escondida.

Quanto ao segundo fator – casos ignorados – o FBI, mais significativamente, não percebeu 25 incidentes identificados pelo CPRC, em que o que provavelmente teria sido um tiroteio público em massa foi frustrado por civis armados. Houve outros 83 incidentes de atirador ativo que eles perderam.

Não há razão para pensar que os meios de comunicação social cubram todos os casos em que os civis interromperam os ataques. E quanto mais recuamos no tempo, mais casos provavelmente perderemos. A tabela a seguir ilustra esse viés. A

utilização dos dados de 2014 a 2021 mostra claramente que 49,1% dos ataques de atiradores ativos foram interrompidos em 2021, 45,1% em 2020, e uma percentagem decrescente à medida que recuamos no tempo. Esse padrão é consistente com o fato de termos mais dificuldade em encontrar casos que ocorreram em um passado mais distante.

| Evidence of the difficulty in finding past cases | | | |
|---|------------------|----------------------------------|----------------------------|
| Year | | Corrected Percent stopped | FBI Percent stopped |
| 2014 | All years | 34.4% | 4.4% |
| 2015 | last seven years | 35.6% | 4.3% |
| 2016 | last six years | 36.5% | 4.2% |
| 2017 | last five years | 37.6% | 4.2% |
| 2018 | last four years | 39.4% | 3.1% |
| 2019 | last three years | 42.1% | 3.1% |
| 2020 | last two years | 45.1% | 4.0% |
| 2021 | Last year | 49.1% | 6.6% |

Table 2: Evidence of the difficulty in finding past cases

Há ainda outra razão pela qual essas percentagens corrigidas são tendenciosas para baixo, pois ignoram que cerca de metade destes ataques ocorrem onde as armas são proibidas, pelo que os cidadãos cumpridores da lei que obedecem a essas regras não teriam oportunidade de os impedir. Uma cópia do nosso arquivo Excel e links de todos os casos para que as pessoas possam verificá-los estão disponíveis aqui².

Os relatórios de atiradores ativos do FBI não mencionam se os ataques ocorrem em zonas livres de armas. “A questão é que quando os locais são considerados zonas livres de armas, os cidadãos cumpridores da lei obedecem a essas regras e seriam incapazes de impedir os ataques nessas áreas”, observa Carl Moody, professor da William & Mary e diretor de pesquisa do CPRC.

As pesquisas mostram que criminologistas e economistas tinham as mesmas quatro políticas preferidas para impedir os tiroteios em massa em público. Em uma escala de 1 a 10, onde 1 era a política menos eficaz e 10 a mais eficaz, os criminologistas americanos avaliaram as seguintes políticas com maior pontuação: Permitir que professores de ensino fundamental e médio carreguem armas

² No original o autor disponibiliza os arquivos.

escondidas (6,0), permitir que militares carreguem em bases militares (5,6), incentivar a eliminação de zonas livres de armas (5.3) e relaxar as regulamentações federais que pressionam as empresas a criar zonas livres de armas (5.0). As quatro principais políticas para os economistas eram as mesmas, mas numa ordem diferente: incentivar a eliminação de zonas livres de armas (7,9), relaxar as regulamentações federais que pressionam as empresas a criar zonas livres de armas (7,8), permitir que os professores do ensino fundamental e médio portar armas curtas escondidas (7.7) e permitir que militares transportem em bases militares (7.7).

| Did armed citizens stop attacks in places where guns were allowed? (Cases where we could determine if guns were allowed) | | | | |
|---|------------------|--|--|---|
| | | Number of active shooter incidents in places that allowed people to legally carry and stopped by an armed citizen | Number of active shooter incidents in places that allowed people to legally carry | Percent stopped in places that allowed people to legally carry |
| 2014 | All years | 104 | 204 | 51.0% |
| 2015 | last seven years | 101 | 198 | 51.0% |
| 2016 | last six years | 95 | 187 | 50.8% |
| 2017 | last five years | 91 | 173 | 52.6% |
| 2018 | last four years | 83 | 155 | 53.5% |
| 2019 | last three years | 76 | 142 | 53.5% |
| 2020 | last two years | 66 | 124 | 53.2% |
| 2021 | Last year | 47 | 81 | 58.0% |

Entre 2014 e 2021, os cidadãos impediram 104 dos 204 tiroteios em massa potenciais ou reais, onde pudemos identificar que armas eram permitidas na área. Assim, 51% dos ataques foram interrompidos por pessoas que portavam veladamente armas legais. Novamente, os dados mais recentes são mais precisos e, em 2021, 58% dos ataques foram interrompidos em áreas onde as pessoas estavam claramente autorizadas a transportar [arma].

Os números indicam que se não tivéssemos zonas livres de armas, teríamos mais pessoas parando esses ataques.

Finalmente, mesmo esses números subestimam a utilidade de armas veladamente transportadas legalmente para impedir tiroteios públicos em massa, porque muitos desses incidentes de atirador ativo envolvem apenas uma pessoa como alvo. Por exemplo, suponha que uma pessoa seja o alvo e apenas uma pessoa possa estar presente. Nesse caso, há relativamente poucas oportunidades para as pessoas impedirem os ataques, em comparação com um tiroteio público em massa onde estão presentes muitas vítimas potenciais

O público em geral parece concordar. Uma pesquisa do início de julho realizada pelo Trafalgar Group mostrou que uma pluralidade de eleitores americanos nas eleições gerais acredita que os cidadãos armados são o elemento mais eficaz para protegê-lo e sua família no caso de um tiroteio em massa. Em primeiro lugar

na lista estavam os “cidadãos armados” com 42%, seguidos pela “polícia local” (25%) e pelos “agentes federais” (10%). [“Nenhuma das opções acima” foi a resposta escolhida por 23% dos entrevistados.] Uma pesquisa realizada pela YouGov em maio – antes do ataque em Uvalde, Texas – descobriu que por uma margem de 51% a 37% os adultos americanos apoiavam a permissão de professores e as administrações carregarem armas escondidas.

Os detentores de licenças de porte de arma velada que impedem esses ataques representam um perigo para outras pessoas?






Os meios de comunicação muitas vezes levantam preocupações de que permitir o porte velado de armas resultará em transeuntes inocentes sendo baleados ou em policiais atirando acidentalmente em titulares de licença. O despacho da AP de White sobre o tiroteio em Greenwood citou Adam Lankford, identificado como “um especialista em justiça criminal da Universidade do Alabama”, que declarou: “Embora seja certamente uma coisa boa neste tiroteio no shopping que alguém tenha sido capaz de impedi-lo antes que acontecesse além disso, não pensemos que podemos substituir esse resultado em todos os incidentes passados e futuros. Se todo mundo estiver portando uma arma de fogo, o risco de algo ruim acontecer fica muito maior.”

O professor Moody, que estuda tiroteios públicos em massa, observa que tais advertências são enganosas:

“A mídia e os defensores do controle de armas sempre parecem preocupados com os piores resultados possíveis quando há armas de fogo envolvidas. Sabemos que os cidadãos armados, de fato, detêm os atiradores ativos. E embora exista a possibilidade de um espectador se ferir, os dados reunidos pelo CPRC mostram que um cidadão armado ainda não disparou acidentalmente contra um espectador inocente. Também sabemos que a polícia atirou acidentalmente no cidadão herói apenas uma vez. Isso foi no Colorado, em 21 de junho de 2021. Isso não é algo que normalmente aconteceria, porque a polícia geralmente chega muito depois de o incidente ser resolvido.”

Todos os especialistas entrevistados pelo Washington Post e pelo New York Times argumentam que a interrupção destes ataques deveria ser deixada ao cuidado da polícia. “Acho que pode haver mais indivíduos carregando, meio que preparados para que algo aconteça, o que é particularmente perigoso... na realidade, esse é o trabalho da polícia”, disse Jody Madeira, professora de direito da Universidade de Indiana em Bloomington, ao Washington Post.

22. Considering the particulars of recent tragedies like Newtown and Aurora, what level of impact do you think a legally-armed citizen could have made? Choose the statement that you feel is most accurate:

| | | Response Percent | Response Count |
|--|--|---------------------|-------------------|
| Innocent casualties would likely have been avoided altogether |  | 6.2% | 865 |
| Casualties would likely have been reduced |  | 80.0% | 11,215 |
| There would have been no difference in outcome |  | 4.1% | 568 |
| An active gunfight might have resulted in greater loss of innocent lives |  | 5.5% | 767 |
| Unsure or prefer not to answer |  | 4.3% | 607 |
| answered question | | | 14,022 |

Mas muitos na polícia discordam. Em março de 2013, a PoliceOne entrevistou seus 380 mil membros da ativa e 70 mil policiais aposentados. Oitenta e seis por cento dos membros acreditavam que as vítimas de tiroteios em massa em escolas públicas poderiam ser reduzidas ou “completamente evitadas” se os cidadãos portassem armas escondidas permitidas nesses locais. Setenta e sete por cento apoiaram “armar professores e/ou administradores escolares que se voluntariam para transportar armas nas suas escolas”. Nenhuma outra política para proteger as crianças e o pessoal escolar teve um apoio tão generalizado.

“Um policial uniformizado tem um trabalho extremamente difícil para impedir esses ataques”, disse o Xerife Kurt Hoffman do condado de Sarasota, Flórida, ao CPRC.

“Esses terroristas têm enormes vantagens estratégicas na determinação da hora e do local dos ataques. Eles podem esperar que um policial deixe a área ou escolher um local indefeso. Mesmo quando a polícia ou os policiais estão no lugar certo, na hora certa, aqueles policiais uniformizados que podem ser facilmente identificados como seguranças podem muito bem estar segurando cartazes de néon que dizem: “Atire em mim primeiro.” Meus policiais sabem que não podemos estar em todos os lugares.”

Da mesma forma, Massad Ayoob, um defensor da autodefesa que ensina técnicas policiais às autoridades desde 1974, observou: “Quando surge uma crise com risco de vida e os segundos contam, os verdadeiros primeiros interventores são os cidadãos presentes”.

Erros anteriores nos Relatórios do FBI nunca corrigidos

“Grande parte da nossa compreensão pública desta questão é malformada por esta única agência”, observa Theo Wold, ex-procurador-geral assistente interino do Departamento de Justiça dos EUA. “Quando o Bureau erra de forma tão sistemática – e persistente –, o efeito cascata é incrivelmente deletério. O FBI exerce uma influência considerável sobre as autoridades estaduais e locais e os legisladores em todos os níveis de governo.”

Estas omissões e discrepâncias não são surpreendentes, dados os limites da recolha de dados e os julgamentos envolvidos na categorização de tais incidentes. As agências policiais em todo o país não fornecem relatórios abrangentes sobre incidentes com atiradores ativos, pelo que a cobertura midiática local é uma fonte crucial de informação. O FBI contrata esse trabalho para o Centro de Treinamento Avançado de Resposta Rápida para Polícia (Advanced Law Enforcement Rapid Response Training Center) da Universidade Estadual do Texas e depois analisa e refina suas descobertas.

O CPRC descobriu casos que o Centro não percebeu, mas mesmo a abordagem do CPRC quase certamente deixa escapar incidentes. “não há razão para pensar que a lista [do CPRC] esteja completa, uma vez que pode muito bem ter havido tais incidentes que não foram cobertos nas notícias de uma forma que apareceria nas pesquisas do Centro”, Professor de Direito da UCLA Eugene Volokh escreveu em junho sobre uma lista anterior de nossos casos que analisava exatamente o que de outra forma teriam sido tiroteios públicos em massa, uma lista muito mais restrita do que casos de atiradores ativos.

Questionado sobre essas discrepâncias em agosto, o FBI recusou-se a abordá-las. Um representante do Centro Avançado de Treinamento de Resposta Rápida para Polícia, M. Hunter Martindale, sugeriu que seus números não eram definitivos:

“Agradecemos o envio de possíveis casos de atiradores ativos para a equipe do FBI analisar para inclusão no conjunto de dados de atiradores ativos. Como prometido, ontem enviei a sequência de e-mail para a equipe do FBI. Como tenho certeza que você sabe, os Relatórios FBI Active Shooter são divulgados anualmente. Minha suposição é que qualquer alteração que adicionasse casos retroativamente provavelmente seria incluída em um comunicado com o relatório anual.”

Embora a recolha de tais dados seja repleta de desafios, alguns vêm um padrão de distorção nos números do FBI porque os erros ocorrem quase exclusivamente num sentido, minimizando as ações de salvamento de vidas de cidadãos armados. “Seja deliberadamente por preconceito ou apenas por incompetência, o banco de dados do FBI de atiradores ativos não é confiável”, disse Gary Mauser, professor emérito da Universidade Simon Fraser, no Canadá, que estudou extensivamente o controle de armas e o uso defensivo de armas. A preocupação de Mauser coincide com a expressa pelo policial Jim Jordan numa carta de 27 de julho ao diretor do FBI, Christopher Wray. Jordan alegou que denunciastes se manifestaram alegando preconceitos políticos nos dados de terrorismo interno do FBI.

O que é particularmente preocupante é a falta de vontade do FBI e dos meios de comunicação social em corrigir estas omissões quando informados sobre elas. John Lott trabalhou no Gabinete de Política Legal e no Gabinete de Programas de

Justiça do Departamento de Justiça dos EUA em 2020, o FBI foi notificado das suas omissões envolvendo potenciais tiroteios públicos em massa, mas recusou-se a corrigir esses erros. Lott já havia alertado o FBI sobre problemas semelhantes em 2015 e publicou a lista na Academy of Criminal Justice Sciences Today em março de 2015, mas as correções nunca foram feitas, mesmo depois que o FBI admitiu que havia casos não computados.

Quando o CPRC enviou um e-mail a Ed White, o repórter da AP que escreveu esse artigo, sobre as omissões nos números do estado do Texas, ele respondeu: “A nossa reportagem, citando a investigação específica da Universidade Estadual do Texas durante um período de 20 anos, foi precisa. Nenhuma correção foi necessária.” O repórter não precisava acreditar em nossa palavra quanto a esses erros. Uma lista desses casos e links para as notícias onde os tiroteios públicos em massa foram interrompidos foram fornecidos a ele para que ele mesmo pudesse verificar as omissões.

Os pedidos ao Centro Avançado de Formação de Resposta Rápida para Polícia sobre exatamente quanto dos seus 66,9 milhões de dólares em subvenções do Departamento de Justiça dos EUA foram gastos na elaboração da lista do FBI de casos de atirador ativo nunca foram respondidos.

Este último vídeo³ ilustra como a mídia televisiva também usa o FBI para afirmar que os ataques não são interrompidos por mocinhos armados.

Novamente, ninguém precisa acreditar na nossa palavra nesses casos. Aqui está a lista e links⁴ para as notícias subjacentes.

Fonte: Massive errors in FBI’s Active Shooting Reports regarding cases where civilians stop attacks: Instead of 4.4%, the correct number is at least 34.4%. In 2021, it is at least 49.1%. Excluding gun-free zones, it averaged over 50%. Traduzido por Onivan Elias de Oliveira – Cel QORR PMPB. Disponível em: <https://crimeresearch.org/2022/10/massive-errors-in-fbis-active-shooting-reports-regarding-cases-where-civilians-stop-attacks-instead-of-4-4-the-correct-number-is-at-least-34-4-in-2021-it-is-at-least-49-1-excluding-gun-free-zon/>.

³ No original há um vídeo sobre o assunto.

⁴ No original o autor disponibiliza um link com a relação completa dos casos pesquisados.